

## O HOMEM EM BUSCA DA FELICIDADE

Swami Paratparananda<sup>1</sup>

*Tradução do artigo em Inglês “The Man in Search of Happiness” publicado na revista “Vedanta for East and West” n°- 159.*

O desejo pela felicidade é inato em todos os seres. O homem não é exceção a esta regra. Se analisarmos bem nossas ações descobriremos que, movidos por este desejo, adquirimos certos objetos e evitamos outros, nos tornamos íntimos de certas pessoas e evitamos a companhia de outras; em suma, evitamos coisas desagradáveis e buscamos as agradáveis com a ideia de atingir a felicidade. Esta busca pela felicidade tem sido o poder motivador detrás de todos os esforços do homem, quer seja no campo temporal como no espiritual. Todas as suas descobertas no domínio da ciência tiveram esta meta em vista. Se hoje, o homem está ansioso para conseguir a supremacia sobre as forças naturais e para subjugar-las visando servir as suas necessidades, é apenas para este propósito. Se, no passado ou mesmo no presente, alguns poucos abandonaram o caminho trilhado pela vasta maioria da humanidade e evitaram buscas mundanas e se retiraram para uma floresta ou para dentro de si mesmos, isto também é devido à sua busca pela felicidade eterna.

Mas a ideia de felicidade difere de acordo com o gosto e o desenvolvimento interno de cada indivíduo. A maioria da humanidade está satisfeita com a gratificação dos sentidos ou acha a felicidade nela. Este mundo, com seus objetos grosseiros, é tudo em que eles estão interessados. No Katha Upanishad, Yama descreve com muita capacidade a mentalidade dessas pessoas: “Vivendo em meio dos objetos transientes, estas pessoas ignorantes, considerando-se sábias e de resolução firme, dão voltas e voltas, da mesma forma que um cego conduzido por outro cego. O que está além desta vida é imperceptível para os extraviados e intoxicados com a riqueza; pensando que este mundo é tudo que existe, eles caem sob minha influência repetidas vezes”.<sup>2</sup> Tais pessoas se cercam de objetos que dão prazer, mas são impermanentes; mesmo assim eles acreditam que essas coisas são eternas e imutáveis. E o fato de que eles têm sido capazes de possuí-las, engendra em suas mentes uma ótima opinião de si mesmos, como pessoas capazes e sábias.

Assim, embriagados com o vinho da riqueza e do poder eles vagam por este mundo sem nenhuma meta mais elevada em vista. Para estas pessoas, que julgam tudo por suas percepções sensórias, o além é um mito, pois não pode ser captado pelos sentidos. Portanto, acreditando que este é o único mundo que existe, eles mergulham nos prazeres, adquirem o que podem e, como resultado, são atraídos repetidas vezes para ele.

Sri Ramakrishna divide os homens em quatro tipos: Os ligados, os buscadores de liberação, os liberados e os sempre-livres. Ele ilustra esta divisão com um exemplo: “Suponha que uma rede foi jogada em um lago para pescar peixes. Alguns peixes são tão espertos que jamais são presos pela rede. Estes são os sempre-livres. Mas a maioria dos peixes é presa pela rede. Alguns deles tentam se libertar dela, e eles são aqueles que buscam a liberação. Mas nem todos têm sucesso neste esforço. Alguns pulam para fora da rede, fazendo um grande ruído. Então o pescador grita: ‘Veja, lá vai um grande!’ Mas a maioria dos peixes presa na rede não pode escapar nem fazem qualquer esforço para sair. Pelo contrário, eles penetram na lama com a rede em suas bocas e ficam lá quietos, pensando”. Nós não precisamos ter mais medo, estamos totalmente seguros aqui! Mas estes pobres peixes não sabem que o pescador irá retirá-los com a rede. Estes são como os homens ligados ao mundo”.<sup>3</sup> De novo, falando sobre felicidade, Sri Ramakrishna disse que existem três tipos: *Vishayananda*, prazer que se consegue na satisfação dos sentidos; *bhajananda*, felicidade que se obtêm pelas práticas espirituais, e *Brahmananda*, a bem-aventurança que se atinge na realização de Deus. A última não pode ser medida ou comparada com qualquer outra felicidade, ela não pode ser nem mesmo imaginada. Os Upanishads tentaram dar uma indicação de sua vastidão de vários modos. Por exemplo, no Taittiriya, encontramos uma passagem onde a felicidade dos diferentes tipos de seres, começando com o homem e indo até Brahma, o criador é descrita e comparada. Então ela continua declarando que mesmo a bem-aventurança do Criador não é nada comparada com aquela que se obtêm ao realizar à Brahman. Em outro Upanishad lemos que toda a criação está sustentada por uma infinitesimal fração desta bem-aventurança, *matrena upajivanti*. Agora surge a questão: Se isto é assim, por que o homem, um ser inteligente, um ser dotado com a capacidade de raciocinar e discernir, corre atrás das insignificantes e sem valor coisas do mundo, negligenciando tal mina de bem-aventurança que é seu direito de nascimento? Há duas respostas para esta questão: (1) muitos não conhecem sobre a existência de tal felicidade e por isso não a buscam; e (2) muitos apesar de que cientes de sua existência acham difícil vencer a influência dos sentidos dirigidos para o externo.

O Katha Upanishad descreve isto de forma bela: “O autoexistente

Senhor, prejudicou os sentidos criando-os com a tendência de se dirigir para fora; por isso eles percebem apenas os objetos externos e não o Atman que mora dentro. Mas aquele de mente fixa e determinação firme percebe o Atman que mora dentro retirando os olhos com o objetivo de atingir a Imortalidade”.<sup>4</sup> Na frase, olhos representam todos os outros sentidos também. Apenas quando os sentidos são retirados de seus objetos é que a mente pode fixar-se no Ser. De outro modo acontece o que está declarado no verso seguinte do mesmo Upanishad. “Os homens de pouca inteligência, impelidos por seus desejos, caem nas armadilhas da muito difundida morte.” Isto quer dizer, repetidamente tornam-se sujeitos ao nascimento, doença, velhice e morte. Portanto uma pessoa com discernimento não vê nenhuma felicidade em contatos sensórios. Ela percebe quão passageiros todos eles são e a sede que eles criam nela por mais e mais gozos. Além disso, ela descobre que não há felicidade real neles. O sabor de um alimento delicioso não é mais sentido quando o mesmo não está mais sobre a língua, assim demonstrando a transitoriedade dos prazeres sensórios. Por isso, as pessoas de discernimento não oram por nada deste mundo de coisas impermanentes. Mas que grandes dores e aflições devem suportar para adquirir até mesmo estas coisas perecíveis e mutáveis! Existe um verso sânscrito que descreve quão miserável torna-se a vida de uma pessoa entregue à paixão desenfreada pela riqueza: “É com grande sofrimento que se ganha dinheiro, mais doloroso ainda é a luta e a preocupação em preservar o que se conseguiu, e ainda mais sofrimento se sente quando tem que gastar o que se acumulou. Desprezo tal riqueza que é a fonte de sofrimento”. Pode-se perguntar: “Como podemos viver se não ganharmos dinheiro?” O que é depreciado aqui não é o dinheiro em si mesmo, mas sim um apego desordenado por ele, que faz do homem seu escravo. A tentação da riqueza é tal que o homem se perde em sua busca e quanto mais a possui, mais a deseja; e para adquiri-la se submete a quaisquer meios resultando na perda de todos os sentimentos humanos em sua louca busca.

Agora, desfrutamos realmente dos prazeres? Bhartrihari em seu *Vairagyashatakam* diz: “Nós não desfrutamos dos prazeres, pelo contrário, nós mesmos somos devorados neste processo”.<sup>5</sup> Quer dizer, na ansiedade infinita em buscar estes prazeres, nossa energia se esvai e ficamos com apenas o ardente desejo por eles, sem a força para gozá-los. Assim enganados, por assim dizer, nós sofremos mais do que podemos gozar na busca dos prazeres dos sentidos. Sri Krishna diz no *Bhagavad Gita*: “Qualquer gozo que é produzido pelo contato com o mundo externo é apenas uma fonte de sofrimento. Ele tem um início e um fim, por isso um homem sábio, ó filho de Kunti, não se entrega a eles.”<sup>6</sup> Mas tal é o poder da Grande Ilusão que cobre a

realidade, que as pessoas esquecem suas dificuldades e sofrimentos e correm atrás dos mesmos prazeres que eles comprovaram cem vezes serem sem substância, dolorosos e enganadores. Sri Ramakrishna descreveu a condição deles com grande pathos: “As criaturas ligadas, enredadas na mundanidade, não voltarão aos seus sentidos de modo algum. Eles sofrem tanta miséria e agonia, enfrentam tantos perigos, e mesmo assim não despertarão. O camelo adora comer arbustos espinhosos. Quanto mais ele come os espinhos, mais o sangue jorra de sua boca. Mesmo assim deve comer plantas espinhosas e jamais as abandonará. O homem de natureza mundana passa por tanto sofrimento e aflição, mas ele esquece tudo em alguns dias e começa sua velha vida novamente”.<sup>7</sup>

Vimos como, para uma pessoa de discernimento, os prazeres mundanos são apenas um show vazio, incerteza e impermanência sendo todo o seu valor. O mesmo é também verdadeiro com relação ao nome e fama, erudição e habilidade de expor as Escrituras. Estes não podem dar ao homem felicidade eterna, apesar de que ele pode encontrar alguma satisfação neles por algum tempo. Isto fica claro no diálogo entre Narada e Sanatkumara que ocorre no Chandogya Upanishad. Uma vez Narada aproximou-se de Sanatkumara e pediu ao sábio para ensiná-lo. Sanatkumara pediu a ele que narrasse o que já sabia. Narada então deu uma longa lista de assuntos que ele tinha estudado, começando do Rig Veda à Astronomia e Artes, e acrescentou: “Reverendo senhor, eu sou apenas um conhecedor de palavras e rituais, mas não um conhecedor do Atman. Eu tenho escutado de preceptores como o senhor que um conhecedor do Atman vai além deste oceano de sofrimento, mas como eu não obtive o conhecimento do Atman eu estou em um estado de aflição. Seja misericordioso e leve-me através deste oceano”.<sup>8</sup>

Se apenas a erudição fosse suficiente para atingir a felicidade eterna, então Narada, com todo o seu vasto conhecimento deveria ser muito feliz, mas não era. Ele sentia que faltava algo que era a essência da felicidade. Onde então se encontra esta felicidade, verdadeira e imutável? No conhecimento do Atman, na realização de Deus ou Brahman. Não é ao mero conhecimento teórico ou livresco à que Narada se refere, quando ele diz: *Shrutam heya me bhagavaddrishebhayah, tarati shokamatmavit iti*, “Eu tenho escutado realmente de preceptores como tu que o conhecedor do Atman vai além de toda aflição”, mas sim à experiência direta de Brahman ou Atman. Os Rishis dos tempos antigos, que buscavam aquela infinita Bem-aventurança, atingiram-na após intensos esforços; e sua vida era de um tipo diferente, de rígida *brahmacharia*<sup>9</sup>, e controle dos sentidos. Contudo, eles não disseram que eram os únicos capazes de atingir este estado. Pelo contrário, eles convocaram a todos, até aqueles que residiam nas regiões celestiais a tentar e obter seu direito de

nascimento, a Imortalidade. Por exemplo, no Shvetashvatara Upanishad o Rishi declara: “Escutem todos vocês, filhos da Imortalidade, e mesmo vocês que habitam as regiões celestiais, eu conheço o Eterno Purusha, que está além da escuridão e brilha como o brilhante sol. Somente conhecendo a Ele se vai além da morte. Não há outro modo de cruzar este oceano de transmigração.”<sup>10</sup>

Os Upanishads estão cheios de passagens que indicam a profundidade e vastidão da bem-aventurança de Brahman: uma bem-aventurança que é imaculada, que pode ser experimentada mesmo aqui, neste mundo, com a condição de que a pessoa que a busca, viva sua vida de acordo com o padrão estabelecido pelos Rishis, que atingiram Brahman.

Sri Shankara em seu *Vivekachudamani* nos alerta: “Aquele que faz da gratificação do corpo o principal objetivo de sua vida e ainda assim aspira realizar o Atman, é como o idiota ignorante que erroneamente, se segurando em um crocodilo pensando ser um tronco de madeira, tenta cruzar o rio”<sup>11</sup>. Ou seja, aquele que quer realizar a Deus ou Atman, tem que abster-se da indulgência sensual. O conhecimento de Brahman e os prazeres dos sentidos, sendo polos afastados, não podem ser experimentados ao mesmo tempo. O *Bhagavata* diz: “Que aquisição ou gozo pode agradar a um homem enquanto a morte está próxima? Certamente eles não são agradáveis para ele. É como oferecer grama a um animal que está sendo arrastado ao matadouro”<sup>12</sup>. Em outro lugar ele recomenda: “Tendo, após muitos nascimentos, obtido este corpo humano extremamente raro, que apesar de frágil, serve como um veículo para o supremo bem-estar do homem, uma pessoa de discernimento deve esforçar-se seriamente pela Liberação, antes que o corpo, que está sempre sujeito à morte, decaia; pois os gozos dos sentidos podem ser experimentados em qualquer corpo”<sup>13</sup>. Somente o homem, possuidor da faculdade do discernimento, está equipado para vencer a atração dos sentidos. No ser humano comum esta faculdade está adormecida, portanto ele é atraído pelos ganhos tangíveis que pode ter e pelos objetos palpáveis e agradáveis que pode agarrar e desfrutar. Como o *Katha Upanishad* diz: “O bom e o agradável se aproximam do homem. O homem de inteligência, os tendo analisado, separa os dois e escolhe o bom em lugar do agradável, enquanto o homem de pouca inteligência opta pelo que dá prazer visando o crescimento e proteção (do corpo, etc.)”<sup>14</sup>. A diferença entre estes dois tipos de objetos é discernível somente para um homem sábio que tem a paciência de considerar a importância ou insignificância deles como também os frutos que eles geram; enquanto a pessoa comum inspirada erroneamente pelos ganhos imediatos, perde de vista a meta da vida.

Mas tão grande deve ser a imensidão da Bem-aventurança que se obtêm ao atingir a Deus, ou realizar o seu próprio Ser, que muito poucos que a

experimentaram, retornaram para dizer ao mundo sobre isto. Sri Ramakrishna ilustra este ponto por meio de uma parábola: “Uma vez, quatro amigos, no meio de uma caminhada viram um lugar por um muro alto. Todos eles ficaram ansiosos de conhecer o que havia dentro. Três deles, um após o outro, escalaram a parede, viram o lugar, deram uma grande gargalhada e pularam para o outro lado. Estes três não puderam dar nenhuma informação sobre o que havia dentro. Somente o quarto homem retornou e contou às pessoas sobre ele. Ele é como aqueles que retêm seus corpos, mesmo após atingir Bramajnana, para ensinar os outros.”<sup>15</sup> Tal é a atração daquele estado que quando uma pessoa o atinge esquece o resto e o mundo, com todas as suas figuras caleidoscópicas aparece para ele como meras cinzas do crematório. Quaisquer dúvidas que possam ter existido em sua mente sobre a eternidade da Realidade e sobre a transitoriedade deste mundo desaparecem para sempre. Mas nós temos que trabalhar muito para retê-lo, de outro modo, mesmo se por acaso nós o atingirmos, não seremos capazes de suportar seu impacto.

Um incidente que ocorreu na vida de Sri Ramakrishna explicará este fato. Mathuranath Biswas, um genro de Rani Rasmani, uma vez pediu ao Mestre fazê-lo experimentar *bhava samadhi*. Sri Ramakrishna tentou dissuadi-lo, mas ele não o escutou. Pelo contrário, ele insistiu para que o Mestre o abençoasse com aquele estado. Por fim, quando todos os argumentos para convencer a Mathur falharam, Sri Ramakrishna disse: “Bem, eu direi à Mãe e Ela fará o que Lhe agradar.” Em alguns dias teve seu desejo satisfeito, mas ele descobriu ser impossível pensar em algo exceto Deus; ele não podia voltar sua mente em direção de seus deveres mundanos. Isto assustou Mathur tanto que ele chamou Sri Ramakrishna e quando o Mestre chegou, ele narrou sua experiência, a difícil situação em que ele se encontrava, e implorou ao Mestre para tirar este estado. Assim nós vemos que a menos que uma pessoa se equipe corretamente, purificando sua mente, controlando seus sentidos, etc., não será capaz de conter esta bem-aventurança ilimitada, que chega com a realização do Divino.

Mencionamos anteriormente que a bem-aventurança imortal é nosso direito de nascimento e que a totalidade da criação existe devido a uma fração desta bem-aventurança de Brahman; também que uma das razões porque os homens não lutam para atingi-la é devido à sua ignorância sobre sua existência. Coisas similares algumas vezes acontecem neste mundo: por exemplo, devido aos caprichos do destino filhos de pais ricos podem se perder e podem nunca chegar a conhecer seu parentesco ou hereditariedade; ou alguém pode enterrar seu tesouro quando em grande perigo de perder sua vida e fugir do lugar apressadamente e quando o perigo passa retorna ao

lugar para desenterrá-lo, mas sendo incapaz de localizar o exato lugar, anda sobre o tesouro uma e outra vez. O Chandogya Upanishad dá uma analogia similar: “Da mesma forma como as pessoas que não conhecem a região, andam repetidas vezes sobre o tesouro escondido no subsolo e não o encontram, assim também, todas estas criaturas aqui, apesar de que entrem diariamente no mundo de Brahman, não O descobrem, pois são deixadas levar pelo falso”.<sup>16</sup> Seus desejos por objetos impermanentes as conduzem erroneamente. O mundo de Brahman falado aqui é aquele de nossa natureza real, no qual nós entramos quando em sono profundo; quando nem as distrações do estado de vigília nem aquelas do mundo dos sonhos se apresentam. Contudo, permanece a ignorância devido aos desejos inerentes pelas coisas mundanas. Somente se poderá ter a verdadeira felicidade quando estes desejos, com suas raízes, forem removidos da mente. O homem iludiu-se a si mesmo por seu apego ao corpo considerando-o como sendo a sua verdadeira natureza. Contudo, se analisar claramente descobrirá que ele não é nem o corpo nem os sentidos, nem mesmo a mente, mas algo mais. Veremos como se pode chegar a esta conclusão. Se o homem fosse apenas o corpo, então no sono, quando não se é consciente dele, ele deixaria de existir. Mas isto não acontece; é o mesmo homem que foi dormir, que retorna dele. Se ele fosse apenas a mente, então no sono profundo ele deixaria de existir, pois mesmo a mente não funciona então, mas isto também não acontece. Portanto nós somos forçados a concluir que o homem não é apenas um ser psicofísico, porém algo mais. A consciência que este ser psicofísico reflete, que dá a ele sua identidade, não é sua própria, mas do Espírito Interno, que é chamado Atman em sânscrito. As escrituras Hindus dizem que Ele é da natureza de *Sat, Chit e Ananda*, isto é, Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta. Quando este Ser é realizado em sua forma mais pura ele é idêntico com Brahman, de quem toda a criação emanou, em quem ela existe e à quem retornará. Os Upanishads são enfáticos e sem ambiguidade em sua proclamação: “Aquilo que é infinito é apenas bem-aventurança; não há felicidade no limitado; no infinito apenas está a bem-aventurança, portanto deve-se indagar sobre o infinito apenas”.<sup>17</sup> Nesta palavra ‘limitado’ usada pelo Upanishad está incluído tudo que não é Brahman, mesmo os elevados céus. Estes céus são lugares de gozo e sujeitos à destruição como tudo mais que é criado; além disso, os prazeres que se gozam nestas regiões engendram novos desejos. E desejo significa sofrimento, e jamais o sofrimento foi vista gerando felicidade neste mundo.

Portanto o Kathopanishad declara: “A eterna bem-aventurança pertence a aqueles sábios que veem que aquele Único Senhor, - que permeia tudo, é independente, e que se manifesta em diferentes formas, - residindo em seus

corações, e a ninguém mais. Somente a eles pertence a paz eterna que percebe o Senhor – que é o eterno em meio ao efêmero, que é o único dispensador dos frutos das ações dos muitos – como residindo dentro de seus próprios corações e a ninguém mais.”<sup>18</sup>

Quem pode realizar este Atman, ou em que estado nos tornamos completamente bem-aventurados? Este estado é realizado quando não se vê um segundo ser, não se ouve um segundo som, não se conhece uma segunda coisa, ou seja, quando tudo neste mundo que existe como nome e forma mergulha dentro Daquele. Em outras palavras quando se realiza a identidade com Brahman; quando desidentifica-se do corpo, dos sentidos e da mente, ou como Swami Vivekananda costumava dizer, quando nos des-hipnotizamos.

Como pode o Atman ser realizado? As Escrituras dizem: “Ele deve ser ouvido, cogitado, e então meditado”.<sup>19</sup>

Deve-se ouvir sobre Ele de uma pessoa competente, o acharya, porque somente ele pode expor o significado dos textos das Escrituras autenticamente; somente ele pode nos mostrar o caminho correto. O próprio Shrutu declara: “Quando uma pessoa inferior fala do Ser, Ele não pode ser adequadamente conhecido, pois é pensado de vários modos. Mas quando é ensinado por aquele que se identificou com Ele, não restará nenhuma dúvida com relação a Ele.” Após ouvir de uma pessoa competente deve-se tentar pensar sobre o que escutou e então meditar sobre o Atman como ensinado pelo mestre.

O que se consegue quando se realiza o Atman, o Ser Eterno? Uma vez que esta realização seja nossa, as escrituras dizem que veremos aquele Ser Eterno, nosso próprio Atman, manifestado em toda parte e toda ilusão e todo sofrimento desaparecerão. O Bhagavad Gita diz: “Atingindo o qual, não se considera que haja nada mais elevado à ser atingido e estabelecido no qual, não se é abalado nem mesmo pelo maior dos sofrimentos.”<sup>20</sup>

Contudo, deve ficar claro que esta bem-aventurança não é alcançada apenas por aqueles que trilham o caminho do conhecimento, mas pode ser experimentada também por aqueles que seguem o caminho de bhakti. Eles também experimentam aquela bem-aventurança sem limites na proximidade de seu Ideal Escolhido. Um devoto da Divina Mãe, como Ramprasad, sempre imerso na bem-aventurança, cantou e dançou em Seu nome e permaneceu sempre livre. Na totalidade de seu coração ele cantou: “Uma pessoa que tem como sua Mãe, a Bem-aventurada, não pode viver no sofrimento! A Divina Mãe o mantém feliz neste mundo e no próximo”. Santos em toda a Índia, que adoraram a Deus com formas alcançaram este bendito estado. Ele não é propriedade exclusiva de nenhuma seita ou classe da sociedade. Todos, onde quer que estejam colocados, podem lutar por ele. A

este respeito, a afirmação dada por Sri Krishna é muito encorajadora: “Se mesmo a mais malvada pessoa Me adora com devoção única, deve ser considerada como piedosa, porque tomou uma resolução correta. Breve se tornará virtuosa e atingirá a paz eterna; saiba com certeza, ó filho de Kunti, que Meu devoto jamais é destruído”.<sup>21</sup>

<sup>1</sup> Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

<sup>2</sup> Katha Upanishad, I.ii.5&6

<sup>3</sup> Gospel of Sri Ramakrishna, Traduzido por Swami Nikhilananda, publicado pelo Ramakrishna Vivekananda Centre of New York, edição de 1942, pgs. 86-87.

<sup>4</sup> Katha Upanishad, II.i.1

<sup>5</sup> Vairagyashatakam 7

<sup>6</sup> Bhagavad Gita, V.22

<sup>7</sup> Gospel of Sri Ramakrishna, pg.165

<sup>8</sup> Chandogya Upanishad, VII.i. 1-3

<sup>9</sup> Castidade, continência.

<sup>10</sup> Shevetashvatara Upanishad II.5 & III.8

<sup>11</sup> Vivekachudamani 86

<sup>12</sup> Bhagavata XI.v.20

<sup>13</sup> Ibid.XI.iv.29

<sup>14</sup> Katha Up.I.ii.2

<sup>15</sup> Gospel of Sri Ramakrishna, p.268

<sup>16</sup> Ch.Up. VIII.iii.2

<sup>17</sup> Ibid.VII, xxivi.1

<sup>18</sup> Katha Up.II.ii.12&13

<sup>19</sup> Br.Up.II.iv.5.

<sup>20</sup> Bhagavad Gita VI.22

<sup>21</sup> Ibid IX, 30, 31